



J. M. N.

Madame *** — O primo Quincas que volta de Paris.
O Commendador (á parte) mau.... mau.

EXPEDIENTE

O *Besouro* acha-se profundamente reconhecido pelo benevolente acolhimento que lhe dispensaram os seus colegas da imprensa diária. Neste momento solenne deseja levantar a sua débil voz; porém a commoção embargou-lhe a pena.

Fomos obsequiados com um exemplar das *Folhas Diárias*, collecção de artigos architectados pelo Sr. Bittencourt da Silva, já muito conhecido pelas suas obras.

Agradecemos a offerta.

Recebemos de Lisboa os seis primeiros numeros do *Occidente*, revista illustrada.

E' uma excellente publicação que se recommenda tanto pelas magnificas illustrações, como pelos excellentes artigos dos mais conhecidos homens de letras.

Onde está o Monstro?

Ainda o Primeiro Introdutor do Telephono e das Campanhas electricas no Brasil, o Grande Magico—a quem dez annos de trabalho dão direito de intitular e reputar seu estabelecimento—a 1.ª Casa de Electricidade (107 Rua do Ouvidor,) ainda tão grande personalidade não havia arrancado á discrição das suas botellas e das suas pilhas aquellas graves questões: onde está o gato, onde está a moça; e já o defuncto *Jornal da Tarde* formulára perguntas terríveis.

Hoje, passados tres mezes e oito dias depois que *John-Lin's Cabinet* recebeu das mãos de Sua Magestade os seis bonets de sota, o chapéu armado de major Narciso, as fardas deslumbradoras e as redeas custosas do carro do Estado, as mesmas perguntas nos assaltam.

Sabem todos que, em seguida á investidura imperial, uma philarmonica, obtida por subscrição de alguns patriotas, deu o signal da partida com os lascivos requebros da polka *Zizinha* e desde então ouve-se o incessante rodar da almanjarra do poder.

¿¿ Qual é o sota que dirige a primeira parelha, para onde vai a almanjarra e quaes as intenções?

Insuperáveis problemas! Será o estrabismo do *Cidadao*, ou o porte direito e ameaçador de *John Bull*, o marítimo; será a miopia, servida pelo *pince-nez* infiel do nobre Lente, substituto na academia e no ministerio, ou a solicitude paternal de Ramos o barão; será a rhe-

torica troante do illustre *mata-monstro*, ou a lança d'ouro do Legendario, a qual substituiu na paz a lança de aço que desbaratou os inimigos da patria no campo de batalha?

Existe o nobre Snr. Cansansão do *Club* da rua do Cano ou é hoje uma simples recordação dos tempos singulares do grito de guerra: *Reforma ou Revolução?*

Qual é o sota? Quem é que directamente se responsabilisa pela segurança das barbellas e serrilhas constitucionaes, que tornam impossivel a revolta do paiz contra o freio sagrado da religião e da monarchia nos caminhos planos do temor de Deus e do chanfalho de Tito?

John-Lin's Cabinet emmudece, e Orates se vangloria. Não manda nem o dono da casa, nem a gente da boleia e das redeas. O carro vai rodando sempre; e não ha temer o seu destino. Onde houver precipícios construir-se-hão pontes com as arcas do thesouro; onde houver penedos far-se-hão voltas enormes e evitar-se-hão os tunneis — graças á boa vontade de irmãos dos genros, que esbravejem furiosos: tudo, menos os penedos!



A direcção da almanjarra e as intenções do *John Lin's Cabinet* furtam-se menos á luz, mas nem por isso impedem a duvida.

S. Ex.ª, o *mata-monstro*, com um copo de cajuada na esquerda e um tubo na direita, declarou que as suas intenções eram provar que os ministros são homens como outros quaesquer. E esvasiou o copo e depois mordeu fundo em uma empada!

Ora, as opiniões de S. Ex.ª não são como as de S. Ex.ª, o lente: pesam e retumbam no ministerio. Assim pois, podemos inferir que a situação de 5 de Janeiro vem para tomar cajuadas e comer camarões com palmito.

Demais é uma reunião de homens como outros quaesquer. Logo não haverá que extranhar se S. Ex.ª, o *mata-monstro*, fallar de ceias alegres acompanhadas de *frou-frou* de sedas, de insinuações picantes, de olhares com a competente tabella de ternura.

Será caso para elogios qualquer phantasia de S. Ex.^a, por exemplo: usar sobrecasacas e fardões de abas compridas como kilometros de estradas de ferro.

Mas, positivamente eram outras as intenções de S. Ex.^a O que S. Ex.^a desejava era sómente—matar o monstro.

Disse-o no parlamento eloquentemente, com quatro murros na balastrada, e um berro que chamou a póstos todos os augustos, e quando estes lhe perguntaram espantados o que desejava; S. Ex.^a respondeu-lhes peremptoriamente, ousadamente: quero que este povo disperse para matar o monstro, que nos suga a seiva, que nos entorpece a marcha, que nos avilta. O (monstro era aquillo que todos conhecem: o poder pessoal, que nomeia ministerios que—*deviam ser commissões do parlamento*, como quem nomeia laçaios, e taes ministros se convertem em porta-librés!)

Esperou-se pois que o primeiro passo do ministerio fosse uma empreza de Hercules e de repente vem-o caminhar para a confeitaria e em vez de clamar patrioticamente: amigos, ao monstro; gritou gulosamente: compadres, ás empadas!

E ninguem sabe para onde foi o monstro; se escondeu-se no Club, se fugiu, se o mataram!

Elle—o monstro—estrangulado, com a lingua de fóra, reles, morto, mumificado, devia ser o brazão do ministerio; e no entanto *John Lin's Cabinet* apresenta-se tendo como symbolo de suas intenções—um carço de azeitona!

Economia politica

Ora ahi está!

Andavam por ahi a dizer que a economia politica era uma sciencia transcendente, em que primavam os Bastiats e os Baptista Says!

Historias!

Economia é gastar pouco.

Isto sabem todos e já sabia tambem minha avó, quando dizia: «quem dá o que tem a pedir vem.»

Queriam fazer da sciencia economica um bicho de sete cabeças.

Diziam que era a sciencia de desenvolver as riquezas.

A arte de augmentar as receitas.

E, que sei eu, mil outras coisas cada ella a mais estrambotica e *espiculundrificica!*

Cantigas dos pretendidos sabios, que não tem outra coisa em mira do que impingir-nos uma data de volumes; obrigando-nos logo a peccar contra a sciencia economica, gastando de uma assentada vinte ou trinta mil *homens de primeira linha*.

Para ser um economista, não é preciso ser um sabio: basta ser um casca, um fôna, um bovina, um avarento!

Estudar o imposto, desenvolver a viação ferrea, para pelo augmento de sua receita fazer prosperar as finanças do paiz são méras frioleiras!

Quando o proprietario se queixa ao mordômo da grande despeza que faz a sua casa, o que responde o mordômo ao patrão?

«Se V. Ex.^a quer despede-se o cocheiro e V. Ex.^a andarà pelo seu pé; o cozinheiro tambem se pôde dispensar, é questão de V. Ex.^a se sujeitar a fazer a sua *omelette* e as suas torradas; e até mesmo podemos pôr o José no olho da rua, fica V. Ex.^a encarregado de engraxar as suas botas.»

O patrão, quasi sempre, diz «Homem essa é uma dos diabos, mas enfim vá lá.»

O mordomo, que está em veia de economias, para lhe ficar mais dinheiro para elle se *desenvolver*; lembra tambem que se podem despedir: o caseiro, os trabalhadores, vender os bois, empenhar a charrua, pôr no prego o vasilhame, etc. etc.

—Mas então não temos colheita, nem trigo, nem uva, e até mesmo ficamos sem uma talha de capim.

—E' verdade, Exm.^a Snr., mas não temos despezas!

Journal de Notícias - Notícias

A POLITICA. --- A Degoção dos Innocentes. (*)



Conheces o Herodes?...

(*) Quadro encontrado nas escavações do Morro do Castello

— Lá isso é verdade, lá sem despesas ficamos nós.

A este genero de economias chamamos nós economias de *mordomo*; isto é uma sciencia ao alcance do talento de um criado de servir um pouco graduado.

Mas tanto este genero de economias, como as que actualmente se estão fazendo na nossa terra, digam lá o que disserem, são economias!

A *Degolação dos innocentes*, a que temos assistido, provam uma coisa: é que se os actuaes patrões da sumaca não são bons economistas são pelo menos bons mordomos.

Em quanto á colheita e á receita não se affligem muito; todo o *busillis* está na diminuição da despeza.

Espera ahí! Não senhor, a tal economia dos Bastiats tambem vae ter um quinhãosinho.

Os homens querem mostrar que sabem o nome aos bois!

Tambem querem mostrar que entendem do riscado.

E como exhibem os seus profundos conhecimentos economicos?

Emitindo papel-moeda!

Muito bem! Muito bem! E queiram limpar a mão á parede se ella não estiver suja.

Isto é que se chama ter harmonia no modo de proceder.

Comecaram por diminuir a despeza, capinando as hervas humildes e rasteiras, agora tractam da despeza emitindo papel moeda!

Orá muito bem! Sim senhor, muito bem.

Ah! que se o Brasil figurasse na Exposição Universal de Paris, bem sei eu quaes eram os nossos productos que lá haviam de encontrar mais accitação.

Mostrados a *franco* — como coisa cara, davam uma renda fabulosa.

Depois de emitido o papel-moeda, com o apoio do conselho de estado, o que prova o *estado* em que está aquelle conselho, lembramos tambem agora nós algumas economias de que se pôde lançar mão.

Já que a sciencia economica anda tanto por baixo, é justo que se admittam á discussão os nossos alvitres; ou para melhor dizer: os do nosso moleque.

Usar, a bordo dos navios, as vélas de composição cortadas ao meio. Dão assim duas vélas e resulta uma economia de 50 por cento. Dividir as pernas das ceroulas em duas, e calçar só uma de cada vez. Dura assim um par de ceroulas lavadas o dobro do tempo, não fallando em outras vantagens economicas d'esta medida, de baixo do ponto de vista sobretudo da economia de tempo. Tirar as bolotas e parras bordadas a ouro das fardas dos ministros. Um ministro sem parra nunca fica indecente e sem bolotas mesmo pôde fazer um vistão na sociedade. Vender as camisas para comprar sabão para as lavar. Comer a fructa com o caroço para encher mais a barriga. Este processo não é isento de inconvenientes posteriores, etc. e etc.

Já vêem que ser economista é simples como *bon jour*!

Tudo está em saber vestir a farda de um mordomo.

Mas isto aqui para nós estas fardas tem o quer que é de librê.

Ora adeus, o habito não faz o monge, com boa vontade e estomago não ha farda que se não vista.

DR. CALADO.

ZUNS-ZUNS

Está finalmente exposto ás vistas profanas o Zimborio da Candelaria.

Infelizmente, para a arte, não caiu.

Espera-se que elle se *levante* para se poder apreciar cá de baixo á vontade; enquanto estiver de *cócoras* pouco tem que vêr.

Pergunta-nos um abelhudo, para que *melro* é destinada a gaióla que serve de remate áquelle capacete egypcio.

O Snr. ministro do Imperio vesitanda o Collegio de surdos-mudos ficou admirado do silencio que ali reina.

A' despedida pediu ao Snr. Director que lhe cedesse todos os domingos um dos alumnos para fazer uma conferencia na Gloria... Só assim nós iremos á gloria!

Dão-se de varios cheques do banco Mauá a quem souber dizer o que é feito do ministro e do ministerio dos estrangeiros.

Affiançam alguns que foram suprimidos por economia.

Quando a *Gazeta de Noticias* estava publicando o N.º 13 encontráram-se na rua do Ouvidor dois authores dramaticos que designaremos por X e Y.

— X: Você já leu o romance da *Gazeta*?

— Y: Já.

— Tencionava extrair d'ali um drama...

— Não merece a pena...aquillo não dá nada.

— D'accôrdo... era tempo perdido. Adeus.

Ha quatro dias no sallão do Casino.

— X: Você por cá?

— Y: E' verdade. Venho trazer um drama.

— Tem graça. Tambem eu!

— Como se chama?

— O N.º 13.

— Mas essa idéa foi minha.

— Qual! um drama extraido pertence a quem o extrae!

— O Snr. roubou-me a idéa!...

(*Altercação animada e um pouco inconveniente*).

O Director aproxima-se:

— O que é isso meus Snrs.?

— Trago-lhe um drama, acode X.

— E eu outro, replica Y.

— E que drama é?

— O N.º 13, gritam ambos ao mesmo tempo.

— E' celebre, diz o Snr. Furtado,

é o drama que vae entrar em ensaios... extraido por mim!

Tableau.

O nosso caricaturista ouvindo a historia, exclamou— E digam lá que o n.º 13 não é asiágo.

Na Redacção do *Apostolo*.

— O que me diz a isto, *seu conego*... os jornaes dizem para ahí que vamos suspender a publicação?

— Não dê ouvidos a pêtas.

— Posso então contar com a continuação da *patuscada*?

— Póde. *Stultorum infinitus est numerus!*

Amen! responderam em côro e com os olhos no céu os santos redactores.

Ha dias que o Snr. Dr. Chefe de Policia anda com as botas por engraiar... Porque será?

O Snr. Martinho de Campos vae deixar barba cerrada; quer talvez á maneira de D. João de Castro ter com que garantir o *empenho d'houra*.

CLEOPTERO.

O pé só

Ai! não maldigas do vento
Que as saias te levantou!
Além de mim, o desastre
Ninguém mais presenciou.

E eu só vi... affirmo, juro
Por tudo que do céu é!
Só vi n'aquelle momento
Teu microscopico pé!...

Talvez outros mil encantos
O vento puzesse a nú;
Mas que eu os visse!... que os outros
Creiam tal, não creias tu.

Pois é costume que eu tenho,
Pódes dar-me inteira fé,
Quando vejo tâes *desastres*
Fico parado no pé.

GRYPHUS.

Março 78.



F. de S. 1878

TELEMACO.

Gosto de todas
Gosto de todas
Gosto de todas
Sem excepção;

Do que eu não gosto
Do que eu não gosto
Do que eu não gosto
É da emissão.

MENTOR.

Menino, se diz tolles
apanha pr'o seu tabaco!
etc.